SOUSA GALITO, Maria (2011). Geopolítica do Mundo Árabe. *CI-CPRI*, AI, Nº8, Fevereiro, pp. 1-17.

AI: Artigo de Investigação

Geopolítica do *Mundo Árabe*

Índice

Resumo/*Abstract* 1
Introdução 2
1. Vagas Geopolíticas 2
2. Nova Vaga Geopolítica 3
3. Vaga Árabe em Prol da Democracia? 9
4. Vaga no Mundo Árabe ou no Mundo de Maioria Muçulmana? 10
5. Populações Jovens 12
6. Populações Desempregadas 13
7. Geoeconomia do Petróleo 15
Conclusão 17
Bibliografia 17

Resumo/*Abstract*

Nos últimos duzentos anos registaram-se diferentes vagas de democratização que foram identificadas e teorizadas por Samuel P. Huntington em 1994. Em pleno século XXI surgiu uma nova onda, neste caso na geopolítica do mundo árabe. Este artigo tenta explicar porquê, como e quem são os protagonistas desta história.

Introdução

Samuel P. Huntington em 1994 identificava três vagas de democratização, seguidas por ondas de sentido inverso. A primeira entre 1828/1926, a segunda entre 1943/1962 e a terceira após a Revolução Portuguesa dos Cravos, em 1974 e que alastrou da Península Ibérica para a América Latina.

O ano de 2011 foi o da Revolução no mundo árabe, que levou à queda dos regimes da Tunísia e do Egipto, e que em Fevereiro ainda geria os seus efeitos noutros governos autocráticos, como os de Kadhafi na Líbia.

Do ponto de vista metodológico, são apresentados quadros estatísticos, mapas e resumos cronológicos considerados indispensáveis para resumir e ajudar a explicar os eventos dos últimos meses e que são cruciais na geopolítica mediterrânica mas igualmente no equilíbrio de potências mundial, até pela proximidade com o conflito israelo-palestiniano.

Palavras-chave: revolução, vaga de democratização.

1. Vagas Geopolíticas

Samuel P. Huntington (1994) desenvolveu a teoria das três vagas/ondas de democratização com repercussões geopolíticas significativas nas respectivas épocas[1]. Analisemos a Tabela 1 para uma percepção rápida e visual sobre as hipóteses discutidas pelo autor:

Tabela 1: Vagas de Democratização e Ondas Reversas

Vagas de Democratização	Ondas Reversas	Período
Primeira		1828/1926
	Primeira	1922/1942
Segunda		1943/1962
	Segunda	1958/1975
Terceira		Após 1974

Fonte: Da Autora

Primeira Vaga. Huntington (1994) invocava o impacto das Revoluções Americana e Francesa na abertura de um espírito que, nos EUA, se tornaria num regime mais democrático depois de 1928 com um executivo apoiado por um parlamento eleito (ou escolhido através de eleições populares periódicas), em que cerca de 50% dos homens adultos tinham direito de voto.

[1] Cf. HUNTINGTON, Samuel P. (1994). *A terceira onda: a democratização no final do século XX*. SP: Editora Ática.

Este sistema influenciou outros países, mormente a França, o Reino Unido e a Suíça. Já após a I Guerra Mundial, foi a vez da Itália e da Argentina, por exemplo.

A Onda Reversa seguiu em palcos em que a Democracia era ainda muito jovem e, portanto, frágil. Corresponde ao período das Ditaduras do Séc. XX, mormente as que alimentaram e vigoraram durante a II Guerra Mundial. A I República Portuguesa caía com um golpe militar em 1926, que levaria ascensão de Salazar. No país vizinho, desembocou depois a Guerra Civil Espanhola (1936/39), que abriu uma janela de Oportunidade para o General Franco. Também temos o contexto italiano dominado por Mussolini, o alemão protagonizado por Hitler. Na América Latina temos o Uruguai, o Brasil e a Argentina.

A Segunda Vaga foi acompanhada pela II Guerra Mundial com a vitória dos aliados e a ocupação/influência sobre territórios onde foi possível inaugurar regimes democráticos. Exemplos: Alemanha do pós-guerra, Áustria, Itália, Japão e Coreia.

A Segunda Onda Reversa refere-se sobretudo ao retorno às Ditaduras na América Latina na década de sessenta do séc. XX. São exemplos os golpes militares no Peru (1962), Brasil e na Bolívia (1964), Argentina (1966), Equador (1972), Chile e Uruguai (1973).

A Terceira Vaga nasceu em Portugal com o 25 de Abril de 1974 (Revolução dos Cravos), um exemplo de revolta pacífica que inspirou povos terceiros a apelar igualmente à Democracia. Alastrou-se a Espanha depois da morte do General Franco. Propagou-se sobretudo pela América Latina, tal como, por exemplo, no Equador (1977/78), Peru (78/79), Bolívia e Honduras (1982), Argentina (1983); Guatemala, Uruguai e Brasil (1984), Chile (1988). Mas também pela Ásia, a começar pela Índia (1983).

Esta evolução foi representativa e significativa para o xadrez internacional e para o equilíbrio geopolítico herdado pelo séc. XXI. Razão pela qual foi tão fundamental referi-la nesta matéria.

2. Nova Vaga Geopolítica

No séc. XXI, a vaga de que mais se fala é da "Revolução Árabe" que depois da Tunísia abraçou o Egito e ameaça propagar-se pelos outros países do Norte de África e da Península Arábica. Observe-se o Mapa 1, que identifica a área geográfica em convulsão.

O mapa 1 revela uma ampla zona geográfica em convulsão, testemunha de manifestações populares, mais ou menos organizados ou prolíficos, contra os respectivos regimes nacionais. Razão que justifica a atenção mediática e a apreensão política gerada em torno da questão.

Mapa 1: Geopolítica do *Mundo Árabe*

Mas esta nova vaga geopolítica deve-se a quê? A Tabela 2 reúne informação sobre que o tipo de líderes e de regimes que têm sido alvo de escrutínio público.

As palavras de ordem eram a favor da Democracia, contra os abusos de poder, contra a corrupção e a pressão insustentável dos regimes mais ou menos autoritários da região. Mas estas manifestações surgiram do nada ou houve precedentes?

Tabela 2: Regimes Políticos no *Mundo Árabe* até Fevereiro 2011

País	Líder Político	Idade do Líder	Anos no Poder
Tunísia	**Presidente Ben Ali**	**75**	**23**
Egito	**Presidente Hosni Mubarak**	**82**	**29**
Arábia Saudita	Rei Abdullah al-Aziz	86	6 (*)
Argélia	Presidente Abdelaziz Bouteflika	73	12
Iémen	Presidente Ali Abdallah Saleh	64	32
Jordânia	Rei Abdullah II	49	12
Líbia	Presidente Muamar Kadhafi	68	42
Marrocos	Rei Mohamed VI	47	12
Mauritânia	Presidente Mohamed Ould Abdelaziz	55	2
Omã	Sultão Said Al Said	71	41
Sudão	Presidente Omar al-Bashir	67	22
Síria	Presidente Bachar al-Assad	45	11

(*) O Rei da Arábia Saudita é Primeiro-Ministro desde 2005. Fonte: Revista Visão (2011)[2]

Alguns exemplos anteriores, tais como a *Revolução Azul no Kuwait* (2005), com manifestações em prol do voto das mulheres, com o governo a ceder dois anos depois. Ou até a *Revolução Púrpura no Iraque* (2005) que se seguiu à queda do regime de

[2] CARVALHO PINA, João (2011). Mundo – Revolução Árabe – Ventos de Revolta. *Revista Visão*, 3 de Fevereiro, pp. 64-65.

Saddam Hussein. Mas estes fenómenos foram talvez menos mediatizados e passaram um pouco ao lado das populações do Norte de África ou até do Médio Oriente.

Mais importantes foram as revelações do Wikileaks desde Novembro de 2010 revelaram ao mundo e, sobretudo, aos cidadãos desses países que o discurso oficial dos seus líderes nem sempre coincidia com os jogos de poder e as estratégias geopolíticas no xadrez internacional.

Através dos documentos diplomáticos publicados pelo Wikileaks tornou-se público, por exemplo, o tráfico de armamento e as relações privilegiadas da Síria com a Coreia do Norte. Que o Qatar usava a televisão Al-Jazeera como instrumento político e de pressão. Que o Iémen mantinha relações de proximidade e promiscuidade com o governo dos EUA no combate ao terrorismo.

O WikiLeaks também divulgou questões sensíveis, tais como: que o então Ministro dos Negócios Estrangeiros do Egito, Ahmad Abou Gheit, considerava o Irão como a maior ameaça à paz na região. Ou que o Rei Abdallah da Arábia Saudita apelou aos EUA para atacar o Irão e pôr fim ao programa nuclear iraniano. Enfim, um conjunto de revelações que, de certa forma, confundiram a opinião pública do Médio Oriente.

Por outro lado, regista-se o impacto social e mediático da *Revolução Verde do Irão*, em 2009, com manifestantes jovens e instruídos, dispostos a lutar por direitos democráticos que lhes eram vedados pelo regime de Ahmadinejad. Os protestos haviam despontado contra uma fraude eleitoral que havia impedido a vitória oficial do candidato da oposição, Hussein Mussavi. As manifestações foram reprimidas violentamente pelas forças do governo.

Posto isto, constata-se que esta vaga não teria sido possível antes do fim da Guerra Fria (1989/2001), concentrados que estes países estavam na gestão de alianças e jogos estratégicos de sobrevivência no xadrez de um mundo bipolar. A afirmação dos EUA como superpotência, trouxe desequilíbrios fundamentais no equilíbrio de poderes da região.

O séc. XXI trouxe novidades significativas: 11 de Setembro 2011 e a queda do misticismo de um país que afinal não era invulnerável; as Guerras no Iraque e do Afeganistão. Tudo parecia tender para uma concentração de poio popular em regimes nacionalistas (ainda que autoritários) que marcavam posição na região, orgulhosamente contra os abusos da superpotência.

Mas o WikiLeaks veio desmascarar a rede de influências desenvolvida nos bastidores. Afinal o discurso político para as massas era diferente do sistema de alianças encabeçado pelos seus líderes. As populações sentiram-se talvez traídas e explodiram o seu descontentamento, não reunindo mais razões para aturar atentados às suas liberdades individuais.

Se eles não fazem, porque tenho eu de fazer?
Porque me exigem sacrifícios, se os líderes não dão o exemplo?

Havia um sentimento geral de injustiça política e social. Sociedades com grandes entraves ao sucesso pessoal e à meritocracia, impediam a liberdade de expressão e

incentivavam a comportamentos de conformidade e adaptabilidade a modelos políticos considerados esgotados e insustentavelmente corruptos.

Outras razões invocadas para justificar protestos tão incisivos por parte da sociedade civil são: elevadas taxas de desemprego, sobretudo de jovens com níveis de instrução médio e superior. Mas também de frustração, em relação a expectativas goradas no que concerne ao seu futuro.

Invocam-se as más condições de vida e a falta de infraestruturas de apoio a comunidades sobre-populadas. As quais foram agudizadas pela onda de crise económico-financeira internacional com grande impacto sobre as Nações desde 2008. Forte militarização do Estado, é outra das razões apontadas.

A repressão pela força tornou-se especialmente intolerável para a camada mais jovem com acesso a informação massificada via satélite ou de livre circulação na Internet, e capaz de se organizar rapidamente bastando recorrer às tecnologias modernas, ao telemóvel, aos e-mails, ao Skype, ao Messenger e ao Facebook, de difícil controlo governamental.

Como uma onda de entusiasmo, as manifestações foram-se sucessivamente alimentando, e inspirando adeptos, primeiro em solo tunisino, depois argelino e egípcio. À medida que pequenos sucessos iam sendo obtidos, as massas humanas aumentavam. Os cidadãos ousavam sair à rua noutras cidades. Mas a chamada *Vaga no Mundo Árabe* espalhou-se mormente depois da queda do primeiro regime: o de Ben Ali da Tunísia. Ver Tabela 3.

Tabela 3: *Vaga no Mundo Árabe* até Fevereiro 2011

País	Datas dos Protestos	Tipo de Protestos
Tunísia	17/12/2010 a 15/01/2011	Grandes Manifestações/ Mudança de Regime
Egito	25/01 a 11/02 2011	Grandes Manifestações/ Mudança de Regime
Argélia	28/12/2010 (em diante)	Grandes Manifestações
Iémen	18/01/2011 (em diante)	Grandes manifestações
Líbia	13/01/2011	Pequenas manifestações
Jordânia	14/01/2011	Pequenas manifestações/ Mudança de Governo
Mauritânia	17/01/2011	Pequenas manifestações
Omã	17/01/2011	Pequenas manifestações
Arábia Saudita	21/01 a 29/01/2011	Pequenas manifestações
Líbano	24/01/2011	Pequenas manifestações
Síria	28/01/2011	Pequenas manifestações
Marrocos	30/01/2011	Pequenas manifestações
Bahrein	14/02/2011	Pequenas manifestações
Iraque	10/02/2011	Pequenas manifestações
Irão	14/02/2011	Pequenas manifestações

Fonte: Wikipédia (2011)[3]

[3] WIKIPÉDIA (2011). Protestos no Mundo Árabe em 2010-2011. URL: < http://www.wikipedia.com >

Entretanto, analisemos as diferentes fases dos dois principais palcos de acontecimentos dos últimos meses: a Tunísia e o Egito. Ver Tabela 4.

Tabela 4: Cronologia das Revoltas na Tunísia e no Egito

Datas	TUNÍSIA
17/12/2010	O tunisiano Mohamed Bouazizi, de 26 anos, imola-se. Recém-formado na universidade, torna-se num símbolo das insatisfações da população tunisiana.
19/12/2010	A sociedade civil da Tunísia manifesta-se nas ruas contra o desemprego e o alto custo de vida no país. Primeiro na capital (Tunis), espalha-se depois a outras cidades. Confrontos violentos em Kasserine, Thala e Regueb.
10/01/2011	O Presidente da Tunísia Ben Ali faz uma declaração pública ao país pela televisão. Denuncia "atos terroristas" e a criação de 300 mil empregos até 2012. Mas os confrontos dos manifestantes com as forças polícias persistem nas ruas.
14/01/2011	Bem Ali e a família saem da Tunísia e exila-se na Arábia Saudita. É substituído interinamente pelo primeiro-ministro Mohammed Ghannouchi.
15/01/2011	O Presidente do Parlamento tunisiano, Foued Mebazaa, assume interinamente a Presidência da Tunísia, depois de designado pelo Conselho Constitucional da Tunísia, que afastou definitivamente Ben Ali do cargo.
Datas	**EGITO**
25/01/2011	"Dia da Fúria", inspirada no sucesso tunisino. 15 000 egípcios manifestam-se na Praça Tahrir (Cairo) e noutras cidades do Egito exigindo a renúncia de Hosni Mubarak, há 30 anos no poder. Mohamed ElBaradei (ex-Diretor da Agência Internacional de Energia Atómica) instiga os protestos.
28/01/2011	"Sexta-feira da Ira". O governo egípcio bloqueia a Internet do país e alguns serviços de redes de telemóvel.
30/01/2011	Bancos e Bolsas de Valores fecham. Apelos de países estrangeiros para que os seus turistas abandonem a região. A TV Al Jazeera é fechada.
31/01/2011	Manifestantes fazem greve geral por tempo indeterminado. Hosni Mubarak discursa na televisão pública para anunciar troca de ministros mas sem abdicar do cargo antes de novas eleições. No dia subsequente dá-se a "Marcha do Milhão" (1 milhão de egípcios na Praça de Tahrir contra o discurso público de Mubarak).
07/02/2011	Wael Ghonim, executivo do Google no Egito (que havia incitado os protestos contra o regime pela rede mundial de computadores) é libertado após 10 dias preso pela Polícia. Emociona-se numa entrevista televisiva. É aclamado como herói.
10/02/2011	Hosni Mubarak faz uma declaração pública ao país mas não renuncia ao poder. Delega poderes no Vice-presidente e anuncia mudanças constitucionais. Os manifestantes não se dão por satisfeitos.
11/02/2011	Hosni Mubarak renuncia ao cargo. Os militares assumem o controlo do Egito durante seis meses até que se realizem eleições livres. Os egípcios manifestam a sua alegria nas ruas. O Parlamento será dissolvido e prevêem-se emendas à Constituição. Saldo da Revolta no Egito: 365 mortos após 18 dias de protesto.

Fonte: A Autora

Considera-se que até Fevereiro de 2011, as maiores manifestações foram as da Tunísia e do Egito, e mais prolíferas, pois obtiveram mudanças de regime que, supostamente, abrirão a janela da Democracia em cada um destes países. Resta saber que tipo de Governo as populações elegem, pois não seria de todo impossível que partidos radicais (de índole religioso) possam subir ao poder.

Na Argélia e no Iémen as manifestações têm sido contínuas e significativas mas até à data os respectivos governos mantêm-se no poder, com base em promessas de não

perpetuação (ou transmissão familiar) do poder e mudanças de políticas governamentais.

Um país moderado como a Jordânia, jogou por antecipação e o Rei Abdullah II dissolveu o Parlamento.

Noutros países, a violência da repressão aos manifestantes ou a menor falta de participação popular tem obtido menos resultados práticos, sobretudo em países como a Arábia Saudita, a Líbia, a Síria, Marrocos, ou mesmo no Iraque e no Irão.

A questão, neste momento, não se resume às preocupações dos manifestantes e às hipotéticas cedências ou repressões governamentais, mas à observação atenta que o mundo está a fazer deste processo e às repercussões de curto e médio/longo prazo que possam vir a ter no plano externo.

Por exemplo, no que concerne ao Turismo, grande fonte de receitas de países como a Tunísia e o Egito. Mas também relativamente ao Investimento Direto Estrangeiro (IDE) das empresas habituadas a considerar aqueles mercados como atrativos.

Com base na Tabela 4 é possível constatar que as revoltas populares obtiveram resultados rápidos e considerados relevantes, ainda para mais, levando em consideração a longevidade do poder dos líderes que conseguiram derrubar. Bem Ali governava a Tunísia há 23 anos, e Hosni Mubarak subira ao poder há 29 anos. O que é decididamente significativo.

3. Vaga Árabe em prol da Democracia?

A vontade popular pronunciou-se em prol da Democracia e do Estado de Direito, e contra a Ditadura? Exige-se ponderação na análise.

As manifestações têm sido apregoadas como temperadamente pacíficas por alguns meios de comunicação, mas, apesar de tudo, registam doses crescentes de violência entre civis, ou entre sociedade civil e policiais/militares.

Por exemplo, no Egito. Oficialmente morreram quase quatrocentas pessoas nas revoltas. Não se queimaram bandeiras dos EUA ou de outro país estrangeiro mas foram feridos cerca de 120 jornalistas estrangeiros a fazer cobertura dos acontecimentos, o que não deixa de gerar algumas preocupações. Mubarak era odiado pelas populações por ser considerado um ditador ou por ser um aliado dos EUA na geopolítica do conflito Israelo-Palestiniano? Uma das correspondentes da CBS (americana, portanto) foi atacada violenta e sexualmente por um bando de 200 homens.

Por outro lado, neem todos querem uma Democracia à semelhança do sistema laico desenvolvido no chamado "Mundo Ocidental" já por si heterogéneo (pois o regime estado-unidense é diferente do britânico, que por sua vez diverge do Francês e do Alemão, etc.) Muitos aspiram a regimes mais conservadores, ainda que com graus

diferentes de desconfiança em relação aos valores ocidentais e mais fieis à religião muçulmana e aos seus princípios.

Mais igualdade, liberdade e fraternidade? É preciso compreender que os povos não definem necessariamente da mesma forma o significado destas palavras, pois o que para uns é liberdade, para outros é libertinagem na religião, nos costumes, ao nível da segurança interna do país.

A fraternidade pode ser encarada como sinal de fraqueza em relação a potências estrangeiras. A solidariedade pode ser encarada como esmola por grupos mais orgulhosos no seu prestígio ou na sua honra.

A igualdade, no contexto interno, pode ser uma fonte de tensões se for conferido poder a tribos ou grupos étnicos minoritários como se fossem maioritários. Ou se forem reconhecidos direitos às mulheres, as quais sofrem discriminação há séculos.

Coloca-se a questão: se houver escrutínio livre no Egito, quem vencerá as eleições? Um regime democrático liberal, mais pró-ocidental? Ou um partido que implemente a Sharia e um modelo mais próximo de costumes e tradições que sigam à letra as indicações do livro sagrado do Islão, o Corão?

Os cidadãos do mundo árabe são actualmente, em média, muito mais instruídos do que gerações anteriores onde o analfabetismo imperava. Ainda assim, a educação formal, sobretudo universitária, continua a ser um direito atribuído às eleites e aos intelectuais mais empenhados.

O povo reivindica mais emprego, mas também mais reconhecimento social e uma melhor redistribuição dos rendimentos em sociedades corruptas e de poder concentrado, questões que contrabalancem as responsabilidades exigidas pela religião e pela cultura. Estão no seu direito. A que tipo de governo e de regras aspiram? Essa é outra matéria, provavelmente ainda em discussão, mormente na Tunísia e no Egipto.

Seja como for, e até por isso, o resultado do escrutínio e das manifestações deve ser o produto da vontade dos povos em causa e não o resultado da aplicação de um modelo que possa ser implementado com a ajuda externa. Os Ocidentais (EUA e União Europeia) terão vantagens em deixar que a vontade popular local se faça ouvir. Por muitas razões, entre as quais duas, que são prioritárias: para não serem mais tarde responsabilizados por fracassos que possam ocorrer e para assegurar a tranquilidade e a paz no mediterrâneo.

4. Vaga no Mundo Árabe ou no Mundo de Maioria Muçulmana?

Nestes dias, jornais e revistas têm repetido termos como “Revolta no Mundo Árabe” ou “Revolução Árabe”. Porém, os povos da região não são todos árabes. Nem todos muçulmanos, ainda que a grande maioria o seja. Ver Tabela 5.

Tabela 5: Geopolítica de Maioria Muçulmana – Demografia

Países	Etnia da Maioria da população	Religiões			
		Muçulmanos	Cristãos	Judeus	Outros
Marrocos	Árabes (70%) Berberes (30%)	98,7%	1,1%	0,2%	0%
Argélia	Berberes	99,0%	1,0%		0%
Tunísia	Berberes e Árabes	98,0%	1,0%	1,0%	0%
Líbia	Árabes	97,0%	3,0%		0%
Egito	Árabes	90,0%	10,0%	0,0%	0%
Jordânia	Árabes	92,0%	6,0%		2,0%
Síria	Árabes	90,0%	16,0%	10,0%	0%
Iémen	Árabes	99,9%			0,1%
Omã	Árabes	75,0%			25,0%
EAU	Árabes	96,0%			4,0%
Qatar	Árabes	77,50%	8,5%		14,0%
Bahrein	Árabes	81,20%	9,0%		9,8%
Arábia Saudita	Árabes	(*) 100,0%			
Iraque	Árabes	97,0%			3,0%
Líbano	Árabes	59,7%	39,0%		1,3%
Turquia	Turcos	99,8%			0,2%
Irão	Persas	98,0%			2,0%
Israel	Judeus	16,8%	2,1%	75,5%	0%
Mauritânia	Mouros Negros	100,0%	0,0%	0%	0%
Sudão	Árabes	70,0%	5,0%	0%	25,0%
Somália	Somalis	98,0%			2,0%

Fonte: CIA (2011)[4] e Wikipédia (2011) (*) Dados do Governo Saudita

Os árabes são originários da Península Arábica, a partir da qual se expandiram após o século VII, levando consigo o islamismo. Constituem o principal grupo étnico do Oriente Médio.

No Norte de África, sobretudo na Argélia e na Tunísia, os árabes desde cedo marcaram território aos berberes, povos mormente nómadas originários do espaço em consideração.

Os persas são descendentes de povos indo-europeus que chegaram à região do Irão através da Ásia Central por volta do ano 1000 a.C.

[4] CENTRAL INTELLIGENCE AGENCY (2011). *The World Factbook*. CIA - Publications, Select a Country or Location Database. URL: < https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/mo.html >

Os turcos representam mais de 80% da população da Turquia e são originários da Ásia Central, de onde migraram por volta do século X. Não são árabes.

Os curdos são o maior grupo étnico do mundo *sem um Estado* que os una. Distribuem-se por um território de aproximadamente 500 mil quilómetros quadrados que inclui diferentes países, tais como o Iraque, Turquia, Irão, Iraque, Síria, Arménia e Azerbaijão.

Outra questão a levar em consideração. A maioria dos muçulmanos no Irão são Xiitas. O Iraque possui cerca de 2/3 de muçulmanos xiitas.

A grande maioria dos Muçulmanos é sunita. No que concerne aos xiitas, admitem-se os seguintes dados estatísticos como base de análise. Ver Tabela 6.

Tabela 6: Distribuição em Percentagem da População Xiita na Geopolítica Mundial

Países	População Xiita (%)
Irão	89,96
Paquistão	20,02
Iraque	66,92
Turquia	20,97
Índia	1,09
Iémen	45,00
Azerbaijão	85,00
Afeganistão	19,03
Arábia Saudita	14,81
Síria	12,22
Líbano	43,59
Tadjiquistão	15,00
Kuwait	30,42
Bahrein	74,29
Emiratos Árabes Unidos	6,15
Qatar	15,73
Omã	1,00

Fonte: Wikipédia (2011)

Resumindo, o chamado "Mundo Árabe" é heterogeneo e multifacetado na sua forma expressão cultural e religiosa. A grande maioria das populações destes países é muçulmana mas a interpretação dos textos religiosos possui especificidades que enriquecem o puzzle de conhecimento, hábitos, crenças, aptidões e costumes desenvolvidos nestes espaços geopolíticos há séculos.

Esta perspectiva é fundamental em qualquer análise sistémica da problemática, que envolve dinâmicas e contextos particulares, capazes de contradizer ou complementar as tendências de futuro nuns e noutros países.

O importante é compreender que houve uma vaga que gerou consequências em todos estes países, em função de elementos comuns às vivências de uns e outros, não obstante as diferenças que ainda os separam.

Sendo assim, as características que os uiram neste momento histórico e que justificaram a vaga, foram: a maioria da população é muçulamana e estabeleceu-se uma referência comum que os uniu numa vontade colectiva em prol de direitos económico-socias e políticos que não eram vividos por uma geração de jovens mais instruídos e capazes de reinvidicar para os obter.

5. Populações Jovens

A *Revolução Árabe* ou *Revolução da Juventude* são expressões generalistas que ajudam a explicar o fenómeno. As quais traduzem a característica predominante dos manifestantes envolvidos no processo que se desenvolve desde Dezembro de 2010, e que atingiu o seu zénite (até agora) com a queda do regime de Mubarak no Egito, em Fevereiro de 2011.

Na Tabela 7 consta o número de pessoas e a estrutura etária da população de cada um dos países da região, com valores para 2010 consultados nas bases de dados da Agência Central de Inteligência (CIA) dos EUA.

A região inclui alguns países mais pequenos e menos populosos como o Qatar e o Bahrein. Ou até a Jordânia, o Omã e os Emiratos Árabes Unidos. Mas a grande maioria dos Estados envolvidos no processo são grandes e populosos, e percentagens significativas das suas populações são muito jovens. São sociedades de pirâmide social invertida.

Sociedades muito jovens são potencialmente voláteis e propensas a mobilizações em prol da mudança. O caso em estudo da "Revolução Àrabe" não foi excepção.

De facto, todos os ingredientes estavam na sopa há alguns anos, mas como nem sempre se produzem efeitos onde as circunstâncias são passíveis de eclodir, a opinião pública mundial foi apanhada despercebida. Não por falta de contextualização, nem por falta de aviso, mas porque se admitia que o comodismo e o medo imperassem – ambos inibidores da acção – onde a revolta era apenas uma questão de tempo.

Tabela 7: Geopolítica de Maioria Muçulmana – População e Estrutura Etária

Países	População (2010)	Estrutura Etária (2010)		
		0-14	15-64	+65
Marrocos	31627428	28,7%	65,4%	6,0%
Argélia	34586184	25,4%	69,5%	5,1%
Tunísia	10589025	22,7%	70,1%	7,2%
Líbia	6461454	33,0%	62,6%	4,4%
Egito	80471869	33,0%	62,7%	4,3%
Jordânia	6407085	36,0%	59,4%	4,6%
Síria	22198110	36,4%	59,9%	3,7%
Iémen	23495361	43,9%	53,5%	2,6%
Omã	2976717	42,7%	54,5%	2,8%
Emiratos Árabes Unidos	4975593	20,40%	78,70%	0,9%
Qatar	840926	21,80%	76,80%	1,4%
Bahrein	738004	25,90%	70,10%	4,0%
Arábia Saudita	25731776	38,0%	59,5%	2,5%
Iraque	29671605	38,8%	58,2%	3,0%
Líbano	4125247	25,8%	67,1%	7,2%
Turquia	77804122	27,2%	66,7%	6,1%
Irão	76923300	21,7%	72,9%	5,4%
Israel	7353985	27,9%	62,3%	9,9%
Mauritânia	3205060	41,0%	55,7%	3,4%
Sudão	43939598	40,7%	56,8%	2,5%
Somália	10112453	45,0%	52,6%	2,5%

Fonte: CIA (2011)[5]

6. Populações Desempregadas

A grande maioria dos que se revoltou ou ainda se manifesta nas ruas fá-lo por razões menos idealistas e mais pragmáticas: querem um emprego, dinheiro para pagar as suas despesas, aspiram a melhores condições de vida. Utilizam as tecnologias à sua disposição, que no mundo atual ultrapassam o controlo dos governos de outras épocas, mesmo quando fechados e autocráticos.

[5] CENTRAL INTELLIGENCE AGENCY (2011), *op. cit.*

Tabela 8: Economia da Geopolítica de Maioria Muçulmana

Países	PIB PPP (biliões $, 2010)	PIB Per Capita ($, 2010)	População Ativa (milhões)	Taxa de Desemprego (2010)	População Abaixo do Limiar da Pobreza
Marrocos	153,8	4900	11,630	9,8%	15,0%
Argélia	254,7	7400	9,877	9,9%	23,0%
Tunísia	100,3	9500	3,830	14,0%	3,8%
Líbia	89,03	13800	1,729	30,0%	33,3%
Egito	500,9	6200	26,100	9,7%	20,0%
Jordânia	33,79	5300	1,719	13,4%	14,2%
Síria	106,4	4800	5,527	8,3%	11,9%
Iémen	61,88	2600	6,832	35,0%	45,2%
Omã	76,53	25800	0,969	15,0%	N.A.
Emiratos Árabes Unidos	199,8	40200	3,908	2,4%	19,5%
Qatar	122,2	145300	1,254	0,5%	N.A.
Bahrein	29,82	40400	0,611	15,0%	N.A.
Arábia Saudita	622,5	24200	7,337	10,8%	N.A.
Iraque	117,7	3600	8,500	15,3%	25,0%
Líbano	58,65	14200	1,481	N.A.	28,0%
Turquia	958,3	12300	24,730	12,40%	17,1%
Irão	863,5	11200	25,700	14,60%	18,0%
Israel	217,1	29500	3,080	6,4%	23,6%
Mauritânia	6,8	2100	1,318	30,0%	40,0%
Sudão	98,79	2200	11,920	18,7%	40,0%
Somália	5896	600	3,447	N.A.	N.A.

Fonte: CIA (2011) [6]

Mas atenção. O problema não começava ou acabava com Ben Ali (da Tunísia) ou com Mubarak (do Egito). Por odiosos que fossem os seus comportamentos e a suas lideranças, os povos não pediram as suas cabeças por menos do que medidas governamentais que velem pelos seus interesses socioeconómicos.

Os manifestantes lutam por direitos para os quais foram despertos pelo acesso a fontes de informação livres, por terem estudado no estrangeiro ou pela força avassaladora da globalização e da interdependência de mercados atual. Antes não se sabia. Agora os olhos estão (mais) despertos para a realidade e querem ter iguais direitos que outros povos partilham entre si.

O que significa que potenciais governos democraticamente eleitos no futuro poderão não ser suficientes se não cumprirem as expectativas dos povos que lutaram pela diferença (para melhor).

[6] CENTRAL INTELLIGENCE AGENCY (2011), *op. cit.*

Desvantagens. Produziu o êxodo dos turistas mas também de uma fatia significativa dos trabalhadores estrangeiros. Um território instável produz impacto negativo na economia nacional. Mas também internacional, uma vez que o Egito representava um risco geopolítico considerável.

7. Geoeconomia do Petróleo

A esfera de análise que mais destaque obteve no diálogo multilateral e no contexto mediático, paralelamente aos direitos humanos – à salvaguarda da integridade fisica e psicológica dos civis que lutam por "regimes mais democráticos" (se for essa a vontade última dos povos respectivos) – é a geoeconomia do petróleo.

Estamos no âmbito da luta pelos recursos naturais que influencia em grande medida a política externa dos Estados há centenas de anos. Recorde-se a Revolução Industrial e as suas necessidades. No séx. XIX implicou uma corrida dos países europeus para o continente africano, que culminou no séc. XX em processos de descolonização alguns deles complicados e longos.

Guerras mais recentes, como a invasão do Iraque, podem ter sido uma forma menos evidente mas igualmente ciente das necessidades de certas Nações por recursos energéticos que alimentem as suas indústrias e os seus estilos de vida sofisticados e consumistas.

A comunidade internacional está claramente empenhada em alcançar o equilíbrio na região onde ainda se dissemina a "Revolta Árabe". É principalmente uma questão de segurança, pois fica demasiado perto do espaço físico da União Europeia para haver margem para erro.

Ainda no âmbito da segurança, temos o eterno problema, até agora irresolúvel e altamente volúvel, que é o conflito israelo-palestiniano, e que pode desembocar numa tragédia se o desquilíbrio da região tender a favor do Irão. Mas enfim, este tema é complexo demais para ser disctutido neste artigo.

Simultaneamente, o interesse por países com petróleo e gás natural é como rebuçados para a boca. São demasiado apetitosos para que alguém lhes resista.

Tanto a Tunísia como o Egipto são países produtores de petróleo e de gás natural. Outros poderiam ser apontados, em especial a Argélia e a Líbia, os principais produtores de petróleo do Norte de África.

Tabela 9: Produtores de Petróleo

Países	Produção de Barris de Petróleo BBL/dia (2009)	Produção de Gás Natural cu m (2008)	Dívida Externa (2010) Biliões de Dólares
Marrocos	4 053	60 milhões	22,69
Argélia	2 125 milhões	86,5 biliões	4138,00
Tunísia	91 380	2,97 biliões	18,76
Líbia	1,79 milhões	15,9 biliões	6378,00
Egito	680 500	62,7 biliões	30,61
Jordânia	0	250 000 milhões	5522,00
Síria	400 400	6,04 biliões	7682,00
Iémen	288 400	454 700	7147,00
Omã	816 000	24 biliões	8829,00
Emiratos Árabes Unidos	2 798 milhões	50,24 biliões	122,70
Qatar	1213 milhões	76,98 biliões	71,38
Bahrein	48 560	12,64 biliões	14,68
Arábia Saudita	9764 milhões	77,1 biliões	82,92
Iraque	2399 milhões	1,88 biliões	52,58
Líbano	0	0	34,45
Turquia	52 980	1014 biliões	270,70
Irão	4172 milhões	200 biliões	12,84
Israel	3 806	1,19 biliões	89,68
Mauritânia	16 510	0	N.A.
Sudão	486 700	0	37,98
Somália	108	0	3

Fonte: CIA (2011) [7]

A energia é um ingrediente da produção e da circulação, pois os espaços geoeconómicos são interpretados como fontes de produção e como canais de distribuição. E são todos estes ítems que estão à mesa das negociações.

O interesse do Ocidente em aliar-se à "onda democrática" tem, pois muito que se lhe diga. Mas aguardemos pelos acontecimentos dos próximos meses para verdadeiramente fazer um balanço sobre a situação.

Ainda pouco está definido e a evolução no futuro próximo é crucial para consolidar a vontade das socidades civis que se rebelaram e para cimentar governos com base em diferentes linhas de orientação política.

Aguardam-se cenas dos próximos capítulos com prudência e circunspecção. Ninguém quer uma Terceira Guerra Mundial. Pode ser que nos safemos desta ainda desta vez.

[7] CENTRAL INTELLIGENCE AGENCY (2011), *op. cit.*

Conclusão

O xadrez internacional é um espaço onde se gerem influências e se estabelece um equilíbrio de potências. As vagas de democratização identificadas por Samuel P. Huntington em 1994 foram registadas nos últimos duzentos anos e ajudam a reflectir sobre a onda que se abateu, mormente sobre a geopolítica mediterrânica, mas com repercussões no Próximo Oriente.

O chamado "Mundo Árabe" é heterogéneo, multiétnico e multifacetado. É um puzzel rico em História, um pote de culturas e um mosaico de interpretações dos escritos sagrados do islão. A grande maioria destes povos são muçulmanos e a geração mais jovem, educada e instruída sobre padrões de modernidade, avanço tecnológico e novos valores democráticos, revoltou-se na tentativa de aproximar os seus governos das suas necessidades enquanto seres humanos e cidadãos esclarecidos.

O significado da vontade popular ainda está por explicar e os próximos meses serão fundamentais para compreender a verdadeira vontade popular, mas pelo menos alguns regimes políticos já cairam, como foram os casos da Tunísia e do Egipto, e pelo menos o da Libia ainda está em discussão.

Certo é que nada será como dantes. Depois dos atentados terroristas nos EUA em 2001 e da crise internacional de 2008, uma nova ordem mundial parece aclodir depois de 2011. O séc. XXI nasceu e continua a verificar-se volátil a muitos níveis (económico, segurança internacional,...) e em diferentes espaços geopolíticos (américa, áfrica,...).

A mudança parece ser o paradigma do séc. XXI. Esperemos que, apesar dos sustos, essa mudança se ja para melhor.

Bibliografia

CARVALHO PINA, João (2011). Mundo – Revolução Árabe – Ventos de Revolta. *Revista Visão*, 3 de Fevereiro, pp. 64-65.

CENTRAL INTELLIGENCE AGENCY (2011). *The World Factbook*. CIA – Publications, Select a Country or Location Database. URL: <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/mo.html >

HUNTINGTON, Samuel P. (1994). *A terceira onda: a democratização no final do século XX*. SP: Editora Ática.

WIKIPÉDIA (2011). Protestos no Mundo Árabe em 2010-2011. URL: <http://www.wikipedia.com >